

APRESENTAÇÃO

A revista *O que nos faz pensar* tem a satisfação de publicar agora o segundo volume de seu dossiê dedicado ao ensino de filosofia. Essa publicação se faz ainda mais importante em meio à atual pandemia causada pelo Coronavírus. Os motivos já haviam sido tangenciados na apresentação do primeiro volume, onde o ensino de filosofia era tratado não como reserva de mercado profissional, mas “questão de sobrevivência de uma espécie que precisa colocar em questão o seu próprio e vertiginoso engenho.”

Os tempos são ainda mais estranhos que aqueles em que se deu a publicação do primeiro volume, sobretudo a redação dos respectivos artigos. Cresce a demanda por reflexão sobre a atual patologia e sobre suas injunções mais amplas, econômicas, sociais, políticas, ambientais e tecnológicas, ao mesmo tempo em que esta última, a tecnologia, na forma do ensino digital, se oferece como canal único de comunicação e troca em tempos de isolamento.

Reproduzimos, por tudo isso, os momentos iniciais do texto de apresentação do primeiro volume e a ele apusemos breves sinopses dos artigos selecionados para este segundo, a cujos(as) autores(as) desde já muito especialmente agradecemos. Esperamos, assim fazendo, emoldurar o turbulento intervalo de pouco mais de um ano que marcou a publicação deste dossiê sobre o ensino de filosofia.

*

Grande foi a luta para que a Filosofia, junto com a Sociologia, conquistasse lugar no currículo do ensino básico brasileiro. Esses *componentes curriculares* foram tornados obrigatórios na grade do Ensino Médio pela Lei 11.684, em junho de 2008. Desde então foram empreendidos notáveis esforços, em todos os níveis e sítios do território nacional, para criação de linguagens e pedagogias adequadas ao novo público.

Não obstante as muitas dificuldades, dentre elas a baixa carga horária semanal da disciplina, resultados muito significativos foram observados, seja no advento de mestrados profissionais voltados para o ensino de Filosofia, seja no aumento do acervo de títulos no campo, seja, enfim, na constatação de algumas experiências muito exitosas, inclusive reconhecidas pelos alunos, aqui e ali, em pleitos por mais tempo semanal de aulas de Filosofia.

Por tudo isso, causou enorme estranheza que a reforma do Ensino Médio promovida pela Lei 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, trouxesse entre suas muitas surpresas a queda da mencionada obrigatoriedade. Voltam a Filosofia e a Sociologia à situação anterior ao ano de 2008, não mais componentes curriculares obrigatórios, mas “estudos e práticas” algo indefiníveis, e diluídos numa Base Nacional Comum Curricular que sequer trata as Ciências da Natureza e as Ciências Humanas e Sociais com a mesma prioridade que as Linguagens e a Matemática. Fenômeno também recente, observa-se em alguns nichos da sociedade brasileira certa aversão ao chamado “pensamento crítico”, parte inalienável da experiência filosófica do mundo.

A estranheza aumenta quando consideramos o notório desenvolvimento protagonizado pelas novíssimas tecnologias, cujos desafios éticos e políticos precisam ser filosoficamente enfrentados. As transformações em curso colocam em questão tópicos tão fundamentais quanto nossas percepções de tempo e espaço, memória, conhecimento, comunicação e educação. A defesa do papel formativo da Filosofia não é, portanto, nem primeiramente, um problema de defesa do mercado de trabalho dos futuros professores de Filosofia, mas uma questão de sobrevivência de uma espécie que precisa colocar em questão o seu próprio e vertiginoso engenho.

*

A segunda parte deste dossiê contém 10 artigos inéditos que, junto com aqueles publicados no primeiro volume, somam 18 contribuições muito diversas e importantes ao tema. O primeiro artigo é assinado por Walter Kohan e tem como título “O que nos faz pensar... Paulo Freire”. Kohan busca no “ex-patrono” da educação brasileira inspirações para o ensino de filosofia, ao mesmo tempo em que rebate algumas críticas acadêmicas recentes feitas à *Pedagogia do Oprimido*.

Filipe Ceppas e Raquel Rocha respondem pela segunda contribuição. “Ensino de filosofia na era da pós-verdade” discute o papel da filosofia em tempos de *fake news*, bolhas digitais e controle de dados na internet. Nada mais atual.

Vem da França o terceiro artigo. Hubert Vincent vai ao Renascimento em busca de lições didático-pedagógicas. O artigo se intitula “Enseignement de la philosophie - Montaigne et la culture de l’alternance” e, como sugere seu título, tem em Montaigne sua referência principal.

Edgar Lyra assina o quarto artigo. “Notas sobre Formação de Professores e Ensino de Filosofia no Brasil” é um texto longo, que se vale da experiência do autor com políticas públicas de educação e formação de professores para discutir os recentes desafios postos à consolidação do campo no Brasil.

Claudinei de Freitas da Silva oferece em “O PET/Filosofia na Unioeste: um modelo de formação”, com base em experiência de programa de fomento, um relato reflexivo sobre o trinômio ensino, pesquisa e extensão.

“A luta por reconhecimento: base para uma educação” é o título do quinto artigo, assinado por Rainri Back e Everton Lucero. Conceitos do contemporâneo Axel Honneth pautam uma filosofia do ensino da filosofia comprometida com a formação do cidadão.

O sexto artigo, “Filosofia no ensino fundamental”, de Liliane Sanches e Jacqueline Mota, oferece um resgate atualizado e crítico do clássico da década de 1960, *Filosofia para Crianças*, de Matthew Lipman.

Os três textos finais do dossiê enfocam, cada um a seu modo, a questão da compreensão histórica da filosofia no Ocidente. “Questões do cânone na história da filosofia”, de Nastassja Pugliese, traz à luz uma reflexão muito atual sobre a história da filosofia, sobre seu cânone e possíveis apropriações para o ensino de filosofia. Micael Rosa Silva segue discutindo o tema em “A história da filosofia como prerrogativa para o ensino de filosofia” notoriamente em outra chave, aquela da sua própria experiência de ensino. Renato Nogueira, Valter Duarte e Marcelo dos Santos Ribeiro, por fim, denunciam a dificuldade de inclusão nas práticas de ensino de filosofia das matrizes africanas. “Afroperspectividade no ensino de filosofia: possibilidades da Lei 10.639/03 diante do desinteresse e do racismo epistêmico” levanta, também ele, uma discussão sobre o cânone da filosofia ocidental.

Ainda, na esteira da publicação no primeiro volume deste dossiê, de reflexão de Darcy Ribeiro sobre a educação brasileira em termos amplos, foi selecionado para este segundo volume o texto de Therezinha Gonzaga Ferreira Lessa intitulado “A Educação Brasileira”. Esclarece o editor Pedro Duarte no resumo do fac-símile: “No texto aqui publicado, Therezinha discute a educação no Brasil, tendo em vista o contexto social, histórico e político do país. Se, por um lado, o texto é datado, na medida em que lida com os problemas de sua própria época, por outro lado também pode ajudar a

perceber as permanências que certas discussões têm quando pensamos a educação no Brasil – e os entraves que se colocam para o seu avanço ontem e ainda hoje.”

Duas outras sortes de contribuição fecham o elenco de textos deste volume 45. A última é o artigo de submissão regular de autoria de Rafael Rodrigues Pereira, que tem por título “A eutanásia e suas razões”, tema igualmente de grande atualidade. Faz-se preceder de uma singela homenagem ao professor Sérgio Fernandes, que lecionou na PUC-Rio e na UERJ por longos anos, vindo a falecer em 2019.

Três dos seus melhores e próximos alunos, todos hoje professores-pesquisadores estabelecidos, escreveram textos sobre ele e sua obra. Leandro Chevitaese contribuiu com “Não me interessam filósofos mortos – homenagem a Sérgio Luiz de Castilho Fernandes”; Camila Jourdan com “Sobre como é ainda possível filosofar”; e Carlos Diógenes Côrtes Tourinho com “Sentido qualitativo de diferença, autorreferência e o caráter diáfano da consciência em Sérgio L. de C. Fernandes”. Os três artigos dão em conjunto uma boa mirada sobre a obra do homenageado, sendo que os dois primeiros acabam por dialogar muito de perto com o espírito do dossiê, na medida em que Sérgio Fernandes tinha, ele mesmo, uma concepção muito própria do que devesse ser a prática e o ensino a filosofia.

Resta reiterar o agradecimento a todos(as) os(as) envolvidos(as) na produção deste número especial de fôlego, e esperar que ele cumpra papel de nos manter especialmente lembrados da importância do ensino da filosofia numa época como a nossa.

Desejamos a todas e a todos uma boa leitura,

Edgar Lyra e Marcela Oliveira
OS ORGANIZADORES